

Ubirajara: ficção e fricções alencarianas

[Ivana Pinto Ramos](#)

Resumo

O romance *Ubirajara* completa o projeto indianista de José de Alencar. Esse romance diferencia-se pela estrutura, pelo processo de construção do livro, que destaca o texto e o que está fora dele, ou seja, sua perigrafia (título, nome do autor, prefácio, notas, etc), nesse caso, especialmente as notas.

Palavras-chave: Literatura brasileira. José de Alencar. Perigrafia.

Ubirajara: ficção e fricções alencarianas corresponde a um estudo do romance *Ubirajara*, escrito por José de Alencar. Esse romance veio completar seu projeto indianista, após ter escrito *O guarani e Iracema*, porém sob uma nova perspectiva, a imagem do índio puro, antes da chegada dos europeus.

Nesse romance, o índio é retratado com toda a magnitude e nobreza do herói romântico, com sua força, coragem, honra, etc. *Ubirajara* é a figura do rude representante das selvas brasileiras, idealizado como símbolo de uma literatura nascente que retorna às origens em busca da nacionalidade.

Ubirajara não é um livro de destaque na bibliografia de José de Alencar, trata-se de um romance que é geralmente citado, sem maiores aprofundamentos, dentro do conjunto indianista desse autor, ao contrário de *O guarani e Iracema*, que foram e são até hoje muito estudados. Por isso fizemos em nossa pesquisa uma análise da narrativa, explorando o enredo, a caracterização dos personagens, o lirismo, a imagem da natureza que reforça o engrandecimento do índio, seu instinto de liberdade e o processo inovador na confecção desse livro.

Esse romance se diferencia dos outros romances indianistas alencarianos não apenas pela imagem do selvagem puro, mas também e principalmente pelo processo de construção do livro, pela estrutura do texto e pelo que está fora dele: sua perigrafia.

A perigrafia desse romance é destacada por José de Alencar através dos elementos paratextuais (título, nome do autor, prefácio, notas, etc). Nesse caso, mais especificamente, as notas, local escolhido pelo autor para a construção de um novo texto, paralelo, complementar, sustentatório, base do texto principal, da narrativa do romance.

Esse novo texto apresenta um processo de confecção diferente, pois José de Alencar reúne em *Ubirajara* aspectos que poderíamos chamar de inventário lingüístico-cultural, na tentativa de mostrar a importância da cultura indígena no processo de formação e construção da nacionalidade brasileira.

Para isso, foi necessário ir além do texto ficcional, apresentando e discutindo a visão dos cronistas do período colonial; era preciso apresentar argumentos mais

convincentes para caracterizar os valores culturais indígenas. Com esse intuito Alencar criou um texto fora do texto literário, na periferia do livro, local privilegiado da fantasia, como caracteriza Compagnon.

A perigrafia do livro, uma vez que ela o envolve como um quadro vivo, é naturalmente o objeto privilegiado da fantasia. O livro imaginário tem uma silueta, um contorno: um nome do autor, um título, uma epígrafe etc. Ele é apenas silhueta: seu corpo (a massa de seus caracteres) permanece vaporoso, cinza e indistinto. A escrita, partindo da fantasia, preenche a perigrafia, destaca o corpo do texto. É admirável que a perigrafia seja ao mesmo tempo o núcleo da fantasia da escrita e o critério de uma qualificação simbólica, graças a um vínculo próprio da homeostase do sistema de produção com o dispositivo de controle. A perigrafia, instituição positiva, incita à fantasia e à escrita que será tanto mais perceptível quanto mais permanecer fiel à fantasia. Não há como se desembaraçar desta para escrever, não há como subjugar-lá. É ela, ao contrário, que dirige a escrita e captura o sujeito. A homeostase apresenta esta superioridade sobre todos os outros princípios de controle do discurso: governa pelo imaginário e pelos ícones, obriga a falar e a escrever. Em resumo, se há alguma coisa de universal no livro, seria justamente sua perigrafia, ao mesmo tempo sua fixação imaginária e seu calibre simbólico (COMPAGNON, 1996, p. 91).

Alencar, um escritor sensível no que se refere à tradição cultural e ao mundo em que viveu, assimilou e reservou informações e sensações do passado e do presente que se acumularam em um desejo particular que o incomodava. Esse desejo foi liberado na perigrafia, a partir da construção de um outro texto, iniciado na "Advertência" e que continua localizado nas notas de rodapé.

A ocorrência dessas notas caracteriza algumas obras alencarianas, com maior destaque nos romances indianistas, como tentativa de não deixar lacunas no que se refere ao vocabulário tupi, à fauna, à flora e aos costumes indígenas. Todavia, em *Ubirajara*, as notas, com suas observações, vão além de explicações vocabulares ou contextuais. O escritor cria, a partir de um vocabulário supostamente desconhecido pelo leitor oitocentista, textos inteiros que chegam a ocupar, em algumas notas, duas páginas seguidas do livro.

Devido à frequência dessas notas e pela forma como foram apresentadas pelo autor, fizemos uma análise detalhada da perigrafia desse romance, ou seja, das novas significações que surgem e reforçam a narrativa, a partir de seus elementos extra-textuais que transformam o texto em livro, como afirma Muzzi:

Fazendo parte de um dispositivo espacial do livro, a perigrafia (segundo Compagnon), ou paratexto (termo empregado por Genette), é o espaço limiar que introduz para o espaço textual, constituído por textos menores que apóiam o texto principal: o título, o nome do autor, o prefácio, a dedicatória, a epígrafe, as notas, as ilustrações, a bibliografia, o índice, o apêndice, os anexos. É através destes elementos que um "texto" torna-se "livro" (MUZZI, 2004, p. 13).

O romance *Ubirajara* foi editado com 94 páginas; nessa composição, José de Alencar construiu 65 notas, um número significativo pela proporção do texto literário. Essas notas de rodapé são fundamentais na construção desse romance, pois nelas Alencar compara, discute, descreve, critica; por esse motivo foram estudadas mais detalhadamente. Como são muitas, analisamos as mais significativas, aquelas que o autor destaca com várias informações históricas e etnográficas.

Na moldura que envolve o livro *Ubirajara*, que forma sua perigrafia, as notas ocupam lugar de destaque. Nelas, José de Alencar tenta justificar, sustentar a narrativa, transformando-as em pilares, como suporte do texto principal.

Assim como uma cidade, o texto é cercado por todos os lados. Ao pé da muralha, um fosso reduplica e acentua a fronteira; ele é sinalizado com postes e marcos, barreiras policiais vigiam as entradas: são as referências exibidas, as notas de rodapé – *foot-notes*,

em inglês. A todo instante trazem à lembrança aquilo sobre o que o texto se apóia, muletas ou estacas, aduelas: o texto é uma ponte lançada no vazio, do que tem horror; ele teme a queda (COMPAGNON, 1996, p. 81-82).

Essas notas, que cercam e sustentam a narrativa de *Ubirajara*, ultrapassam, em alguns momentos, os padrões de publicação. Alencar quer colocar nas notas todas as informações possíveis para confirmar as imagens apresentadas no texto, na tentativa de convencer o leitor da proximidade com o "real" existente em suas discussões sobre os índios. Para isso, ele se preparou com uma intensa pesquisa sobre os costumes indígenas, procurando fontes que relatassem minuciosamente os possíveis frutos de uma convivência, de um contato direto com os selvagens, buscando maior credibilidade para seus comentários através das citações.

Seguindo essas referências, encontramos vários autores estrangeiros que estiveram no Brasil entre os séculos XVI, XVII e XVIII, em missões religiosas, científicas, artísticas e colonizadoras. Essas missões deram origem a relatos que continham informações sobre a etnografia dos selvagens, a fauna, a flora e os aspectos geográficos da natureza brasileira.

José de Alencar se ateve principalmente aos aspectos etnográficos referentes aos costumes indígenas, se prendendo menos aos textos que descreviam a flora e fauna. Essas referências nos remetem a vários nomes importantes desse período, como: Southey, Gabriel Soares, Ives d'Évreux, Orbigny, Thévet, Barloeus, Humboldt, Léry, Guilherme Piso, Abbeville, Simão de Vasconcellos, Hans Staden, Marcgrave e outros, como Gonçalves Dias, que, além de poeta, fez vários estudos sobre os índios para a revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e Ferdinand Denis, que também se dedicou ao estudo dos selvagens.

Contextualizamos esses autores e obras citadas por Alencar com um estudo inicialmente biográfico, depois comparativo, seguindo a ordem das notas encontradas no livro *Ubirajara*.

Alencar como um leitor crítico, após extensa pesquisa, ousou escrever suas próprias concepções sobre temas importantes referentes à antropologia dos índios brasileiros: a guerra, a antropofagia, a organização tribal, a "religião" - representada pelos ritos e crenças - a virgindade, enfim, vários aspectos da cultura indígena. O autor comporta-se como um bom advogado, empenhado na defesa dos índios brasileiros, através das notas e da "Advertência" do romance *Ubirajara*, como é possível perceber no seguinte trecho:

Por igual teor, senão mais grosseiras, são as apreciações de outros escritores acerca dos costumes indígenas. As coisas mais poéticas, os traços mais generosos e cavalheirescos do caráter dos selvagens, os sentimentos mais nobres desses filhos da natureza são deturpados por uma linguagem imprópria, quando não acontece lançarem à conta dos indígenas as extravagâncias de uma imaginação desbragada.

Revela ainda notar, que duas classes de homens forneciam informações acerca dos indígenas: a dos missionários e dos aventureiros. Em luta uma com a outra, ambas se achavam de acordo nesse ponto, de figurarem os selvagens como feras humanas. Os missionários encareciam assim a importância da sua catequese; os aventureiros buscavam justificar-se da crueldade com que tratavam os índios.

Faço estas advertências para que ao lerem as palavras textuais dos cronistas citados nas notas seguintes não se deixem impressionar por suas apreciações muitas vezes ridículas. É indispensável escoimar o fato dos comentários de que vem acompanhado, para fazer uma idéia exata dos costumes e índole dos selvagens (ALENCAR, 1984, p. 11-12).

Ofuscado em alguns momentos por esse desejo, Alencar comete alguns deslizes. Na tentativa de alcançar a "verdade histórica", ele acaba caindo em contradições em

alguns momentos, friccionando o texto através de algumas divergências cometidas, ora no texto ficcional, ora no texto periférico e também na relação de um com o outro. Essas fricções ocorrem na própria composição do livro, que comporta idealização e ficção juntamente com a busca de comprovações, na tentativa de alcançar o real.

A composição desse romance que comporta duas formas e "histórias" paralelas: uma narrativa, com intenções literárias, seguindo os moldes de idealização romântica, mas sem fugir totalmente à cultura brasileira, através da representação da imagem do índio e seus costumes. E a outra forma é desenvolvida embaixo, às margens dessa primeira, que atua como justificativa, reforço, na busca pelo conhecimento sociocultural e histórico, no desejo de sedimentar uma sensibilidade nacional.

Essa composição faz com que a perigrafia se torne de extrema importância na constituição de *Ubirajara*. As notas exercem um papel fundamental e são indispensáveis na leitura desse livro. Por meio delas o autor faz-se presente durante toda a narrativa, acompanhando o leitor, numa tentativa de persuasão. As notas, em *Ubirajara*, dão mais vigor ao texto, tornando-o ainda mais interessante.

O romance *Ubirajara*, apesar de pouco discutido por ser considerado de menor destaque na vasta obra alencariana, constitui uma obra importante na literatura brasileira. O seu valor ultrapassa os limites literários, por sua constituição - texto literário, texto histórico-crítico que remete à etnografia brasileira. Alencar, além de romancista romântico e leitor crítico, revelou-se também um exímio pesquisador que se dedicou à História, Antropologia e língua dos índios brasileiros. Mesmo abatido pelas decepções políticas, pela doença, ainda teve energia para fechar seu projeto indianista, escrevendo *Ubirajara*.

É preciso lembrar que o Alencar indianista se esforçou para desreprimir os valores culturais indígenas, que se mostravam escondidos nos textos escritos pelos cronistas estrangeiros. Como um antropófago, ele absorve o que vem de fora e que é interessante para a formação, para o fortalecimento e engrandecimento do que é seu, com um desejo persistente de criar uma literatura genuinamente brasileira.

Abstract

The novel *Ubirajara* completes the "indianista" project of José de Alencar. This novel is notable for its structure, for the building process of the book, which highlights not only the text, but also what is out of it, in other words, its perigraph (title, author's name, preface, notes), in this case, especially the notes.

Keywords: Brazilian literature. José de Alencar. Perigraph.

Referências

ABREU, Mirhiane Mendes de. Verossimilhança e indianismo em José de Alencar. In: BOECHAT, Maria C.; OLIVEIRA, Paulo M.; OLIVEIRA, Maria P. *Romance histórico: recorrências e transformações*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000. p. 117-128.

ALENCAR, José de. *Iracema*. 2ª ed. crítica de M. Cavalcanti Proença. São Paulo: EDUSP, 1979.

- ALENCAR, José de. *O Guarani*. 25ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- ALENCAR, José de. *Iracema*. 31ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. 2 ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1995.
- ALENCAR, José de. *Ubirajara*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1984.
- ALENCAR, José de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1960. v. 4
- ALENCAR, Heron de. José de Alencar e a ficção romântica. In: COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1986. v.3, p. 231-321.
- BABO, Maria Augusta. *A escrita do livro*. Lisboa: Veja/Passagens, 1993.
- BERND, Zila. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRS, 1992.
- BOECHAT, Maria Cecília Bruzzi. *Paraísos artificiais: o romantismo de José de Alencar e sua recepção crítica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- BOSI, Alfredo. *A dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Trad. Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.
- MARCO, Valéria. *A perda das ilusões: o romance histórico de José de Alencar*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.
- MORAES PINTO, Maria Cecília. *A vida selvagem: paralelo entre Chateaubriand e Alencar*. São Paulo: Annablume, 1995.
- MUZZI, Eliana Scotti. Paratexto: espaço do livro, margem do texto. In: QUEIROZ, Sônia. (Org.). *Editoração: arte e técnica*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. v.2, p. 7-10, 2004. (Cadernos Viva voz).
- MUZZI, Eliana Scotti. Leitura de títulos. In: QUEIROZ, Sônia. (Org.). *Editoração: arte e técnica*. Belo Horizonte: FALE/UFMG. v. 2, p. 11-20, 2004. (Cadernos Viva voz).
- PINTO, Estevão. *Introdução à história da antropologia indígena no Brasil (século XVI)*. Cidade do México: Instituto indigenista interamericano, 1958.
- PROENÇA, M. Cavalcanti. *José de Alencar na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.